

O “NÃO” GESTUAL NA LINGUAGEM DE UMA CRIANÇA AUTISTA: UMA PERSPECTIVA MULTIMODAL

THE SIGNAL “NO” IN THE LANGUAGE OF AN AUTISTIC CHILD:
A MULTIMODAL PERSPECTIVE

KÉSIA VANESSA NASCIMENTO DA SILVA
Universidade Católica de Pernambuco
kesiavanessa2013@hotmail.com

RENATA FONSECA LIMA DA FONTE
Universidade Católica de Pernambuco
renata.fonte@unicap.br

É fato que os falantes usam gestos ao interagir com seus interlocutores, e com as crianças isso não é exceção, até mesmo nas que apresentam desvios de linguagem. A gestualidade de uma criança autista em contextos interativos de negação é o objeto de estudo deste trabalho, que está respaldado na perspectiva multimodal da linguagem, na qual gesto e fala são duas facetas de uma mesma matriz de funcionamento linguístico-cognitivo. O objetivo central foi analisar as produções gestuais de uma criança autista que denotem uma negação, já que, mesmo que estereotipadas, podem trazer algum sentido para os parceiros interativos. Trata-se de um estudo de cunho qualitativo e que, metodologicamente, baseia-se na descrição dos gestos de uma criança autista em contextos interativos ocorridos no Grupo de Estudos e Acolhimento ao Espectro Autista (GEAUT) da UNICAP. Para a transcrição dos gestos, utilizou-se o software ELAN, que permite a transcrição de áudio e vídeo simultaneamente. Os resultados revelaram a gestualidade e o olhar enquanto aspectos multimodais coatuantes na matriz de significação da linguagem

Palavras-chave: multimodalidade, gesto, autismo, contexto de negação

It is a fact that speakers use gestures when interacting with their interlocutors, and with children this is no exception, even in those with language disorders. The gesture of an autistic child in interactive contexts of negation is the object of study of this work, which is supported by the multimodal perspective of language, in which gesture and speech are two facets of the same linguistic-cognitive functioning matrix. The central objective was to analyze the gestural productions of an autistic child that denote a negation, since, even if stereotyped, they can bring some meaning to the interactive partners. It is a qualitative study and, methodologically, it is based on the description of the gestures of an autistic

child in interactive contexts that took place in the Study Group and Welcoming the Autistic Spectrum (GEAUT) of UNICAP. For the transcription of gestures, the ELAN software was used, which allows the transcription of audio and video simultaneously. The results revealed the gesturality and the look as coherent multimodal aspects in the language meaning matrix

Keywords: multimodality, gesture, autism, context of negation

Recibido: 15 enero 2020

Aceptado: 08 marzo 2020

1. INTRODUÇÃO

Este artigo está circunstanciado na perspectiva multimodal da linguagem, na qual gesto e produção vocal constituem uma matriz única cognitiva, ou seja, estão integrados no mesmo sistema de significação, conforme defendem Kendon (2000, 2004), McNeill (1985, 1992), Butcher e Goldin-Meadow (2000), Cavalcante (2009), Cavalcante e Brandão (2012), Fonte (2011), entre outros. Nessa perspectiva, não haveria espaço para uma concepção homogênea de língua onde a fala é o único recurso disponível à comunicação entre os falantes.

Ao refletir sobre a aquisição da linguagem numa perspectiva multimodal, propomos estudar os múltiplos recursos relacionados à negação, particularmente no que se refere às produções gestuais realizadas por uma criança autista, já que, no autismo, a linguagem pode estar alterada e, logo, quaisquer vocalizações e gestos podem assumir um papel significante na linguagem, nesse caso, em contextos interativos de negação (Barros e Fonte, 2016).

Nesse contexto, a produção gestual é entendida como integrante de um sistema multimodal e multicanal porque diversos elementos coatuam durante a interação, sendo o gesto um deles. No que diz respeito à linguagem do autista, é comum a presença de discursos negativos que vão ao encontro das constatações do psiquiatra infantil Leo Kanner (1966) ao dizer que no autismo há alterações na linguagem e dificuldade na interação social, no entanto, estudos multimodais vêm desmistificando diversos estigmas referentes à linguagem do autista, uma vez que reconhecem outras formas de produção de sentidos e expressões.

Metodologicamente, o presente trabalho baseia-se em um estudo de caso onde a respectiva criança possui Transtorno do Espectro Autista (TEA) e não constrói enunciados propriamente ditos, apenas vocalizações, assim, utiliza os gestos, a vocalização/prosódia e o olhar como ferramentas comunicativas. Entendemos os gestos de uma maneira ampla, abrangendo uma multiplicidade de movimentos comunicativos como propõe McNeill (1985, 2002). Dessa forma, as produções gestuais não se limitam aos movimentos de mãos e braços, mas também as outras partes do corpo, como as ações por parte da cabeça, expressões faciais e troca de olhares.

Além disso, a discussão sobre o Envelope Multimodal de Ávila-Nóbrega e Cavalcante (2012) foi tomada nesta pesquisa, já que partimos de uma noção triádica de linguagem que mescla produção vocal, gesto e olhar. Ao longo deste artigo, tecemos algumas considerações sobre linguagem e autismo, especificamente o “olhar” de determinados pesquisadores sobre a questão, em seguida, a relação entre gesto e fala em distúrbios de linguagem também é evidenciada, para enfim, apresentar o caminho metodológico e os dados observados acerca do “não” gestual de uma criança autista sob um ponto de vista multimodal.

2. LINGUAGEM, COMUNICAÇÃO E AUTISMO

Nos estudos sobre autismo, a linguagem e a comunicação sempre receberam grande ênfase, já que são dimensões prejudicadas em crianças que apresentam TEA. Embora ainda coexistam diferentes explicações etiológicas para o Transtorno Autista, as manifestações clínicas mostram-se concordantes no aspecto: linguagem e comunicação.

Perissinoto (2003) destaca diversas análises do desenvolvimento de linguagem de sujeitos autistas apontando que não há falhas específicas, mas, ao contrário, inabilidades. Estas podem ser discutidas considerando-se as seguintes dimensões: inabilidades no código durante o uso da linguagem; em processos que permitem a aquisição dos códigos, bem como seus significados; na dinâmica entre os interlocutores e o contexto que firma a comunicação. Esse conjunto de inabilidades evidencia dificuldades no uso da linguagem, interferindo na comunicação, assim, o indivíduo com autismo tem participação limitada em interação recíproca, na qual a linguagem depende de atenção a pistas e atitudes.

Contrariamente, Barros e Fonte (2016) opõem-se a tais dificuldades e limitações presentes nos sujeitos autistas na comunicação, concebendo a linguagem como instância dialógica e multimodal. Segundo as autoras, no autismo há uma fragmentação da linguagem, entretanto, não significa que discursos autistas sejam desprovidos de significado e sentido, uma vez que estes compartilham e usam diferentes modos semióticos na interação. Logo, suas diferentes configurações multimodais se constituem como recursos enunciativos e marcam o lugar do sujeito autista na linguagem.

A ideia refletida por Perissinoto (2003) expõe um discurso desanimador sobre a linguagem no autista, associando-o a alguém que não apresenta linguagem e que está fora dela. De acordo com Barros e Fonte (2016), é necessário desmistificar a concepção tradicional de linguagem e de assistência ao sujeito autista, e entender que, na interação, a linguagem é constituída por diferentes elementos multimodais, os quais são estruturados quer pela oralidade, quer pela gestualidade.

Inserir os gestos como elementos linguísticos na singularidade do autismo é de extrema valia aos sujeitos com TEA - Transtorno do Espectro Autista, uma vez que são dotados de sentido e significação no discurso. Goldin-Meadow (2009) explica que gestos são atos comunicativos que tomam formas que a fala não pode assumir, ou seja, funcionam como uma via de expressão para crianças nos primeiros estágios de aquisição, oferecendo caminhos de expressar o que ainda não conseguem articular na fala.

Compreendemos que as observações da pesquisadora Goldin-Meadow também se aplicam no autismo, posto que crianças autistas também exploram a modalidade manual desde muito cedo e, sendo assim, os gestos forneceriam um caminho adicional de expressão, expandindo a gama de ideias que elas são capazes de expressar. Nesse sentido, a linguagem do autista não seria ausente ou isolada de sentidos, em virtude de

mesmo antes das crianças começarem a usar as palavras, elas gesticulam. Além disso, o gesto não desaparece do repertório comunicativo de uma criança após o início da fala

(Goldin-Meadow, 2009: 1)

Compreender a linguagem através da multimodalidade significa romper com as afirmações “de que a pessoa autista está ausente da possibilidade de linguagem” (Barros e Fonte, 2016:

746), pois à medida que gesticulam ou utilizam diferentes elementos para produzir sentidos nas interações, esses sujeitos ocupam lugar na linguagem. Outro autor, nessa linha de raciocínio, é Cosnier (1977, 1996, 2004) que reconhece a mescla de diferentes elementos na comunicação humana, como as mímicas faciais, gestos, falas e posturas que são apreendidos por diferentes canais, como a visão e a audição, por exemplo. Em vista disso, a interação é de natureza multimodal e multicanal.

3. MATRIZ GESTO-FALA EM DISTÚRBIOS DE LINGUAGEM

É fato que, quando as pessoas conversam, gesticulam e até mesmo movem-se durante a fala. Em conformidade, Kendon (2009) acrescenta que:

Todo enunciado linguístico emprega, de forma integrada, padrões de vocalização e entonação, pausas e ritmicidades, que se manifestam não só de forma audível, mas cineticamente também, e sempre, como uma parte desta, existem movimentos dos olhos, das pálpebras, das sobrancelhas, bem como da boca, e os padrões de ação por parte da cabeça

(Kendon, 2009: 12. Tradução nossa)

Logo, os gestos em suas diversas manifestações compreendem-se como aspectos que possibilitam uma extrema rapidez e sutileza na interação humana, caracterizando, assim, a comunicação. Contudo, ao levarmos o discurso acerca da indissociabilidade entre gesto-fala ao campo dos “distúrbios de linguagem”, especificamente no atraso de linguagem secundário ao autismo, a matriz gesto-fala apresenta-se intacta?

Sabe-se que problemas na comunicação constituem-se como características no autismo e que apesar, da matriz gesto-fala se presentificar no discurso de crianças autistas, estas também produzem incompatibilidades. Em outras palavras, elas possuem informações em seus repertórios, mas, em alguns momentos, não conseguem articulá-las. Todavia, tais incompatibilidades não rompem a unidade gesto-fala, uma vez que formam uma ligação firmemente unida, capaz de resistir a forças externas, como acontece nos casos de *feedback* auditivo atrasado (DAF), gagueira e cegueira.

No DAF há um efeito dramático sobre o fluxo da fala, ocasionando interrupções. No entanto, apesar das interrupções, a matriz gesto-fala permanece em sincronia. Já na gagueira, Mayberry e Jaques (2000) salientam que, em determinados casos, a gesticulação é interrompida durante a disfluência e retorna após a recuperação da fluência da fala.

Desse modo, mais uma vez, valida-se a integração gesto-fala, dado que a produção gestual está ligada à produção da fala fluente. Por conseguinte, em relação à cegueira, observou-se que os falantes, que são cegos congênitos e que nunca observaram gestos, gesticulam e fazem isso com frequência como em sujeitos que possuem a visão (Iverson e Goldin-Meadow 1998).

As respectivas inabilidades corroboram e evidenciam o vínculo discurso-gesto. Em suas pesquisas, Fonte e Cavalcante (2016) constataam que a gesticulação apresenta papéis fundamentais para a linguagem oral, visto que contribuem para a fluência da fala, revelam aspectos que não são acessíveis através de enunciados orais e facilitam a reorganização linguística.

Tal ligação apresenta-se também no intercâmbio de informações onde as mensagens recebidas por um gesto podem ser lembradas posteriormente, como um discurso (Cassel *et al.* 1999). Em conformidade, Kelly *et al.* (1999) observaram e analisaram sujeitos lembrando informações que foram transmitidas de modo gestual, comprovando, assim, a dialética da linguagem – gesto/fala.

Esses casos evidenciam a forte ligação entre gesto e fala, permanecendo intacta até mesmo em distúrbios de linguagem. Por esse motivo, acreditamos ser um equívoco pensar em uma univocidade linguística em relação à fala, já que os gestos, por exemplo, podem revelar as vontades, desejos e intenções dos sujeitos e isso não é diferente com os que apresentam o Transtorno do Espectro Autista (TEA).

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS NUMA PROPOSTA MULTIMODAL

Sugerimos pôr em prática uma análise de natureza qualitativa que focará a gestualidade de uma criança autista de cinco anos de idade, especialmente em contextos interativos de negação. Tal análise efetuou-se com uma determinada criança autista e, para a observação dos aspectos gestuais, utilizamos para as transcrições o *software* ELAN (*Eudico Linguistic Annotator*), que possibilita a criação de anotações, edição, visualização e busca de anotações através de dados de vídeo e áudio simultaneamente.

Partimos de uma perspectiva multimodal, refletindo a linguagem como um espaço composto por diferentes recursos multimodais. Para tanto, utilizamos um *corpus* formado de exemplos ilustrativos de interações de uma criança autista e diferentes parceiros interativos (pesquisadoras e professoras da Pós-Graduação em Ciências da Linguagem e bolsista de iniciação à pesquisa do curso de Fonoaudiologia). Os dados, que compõem o *corpus*, foram vídeografados por uma filmadora digital Sony, pertencente ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem e armazenados no banco de dados¹ do GEAUT. Com o objetivo de facilitar o estudo e a compreensão desta pesquisa, adotamos as seguintes etapas:

4.1. Seleção do *Corpus*

Para a seleção do *corpus* extraído do banco de dados do GEAUT/UNICAP do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem (PPGCL), seguimos os critérios:

- a) A modalidade gestual da linguagem ser a privilegiada pela criança autista em diferentes cenas interativas.
- b) Engajamento da criança autista com diferentes parceiros interativos em contextos de negação ocorridos no GEAUT.

¹ Esse banco de dados foi constituído após aprovação pelo Comitê de Ética da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) sob o N° 012/2012 - CAAE 04020212.8.0000.5206, uma vez que envolve registros com seres humanos, conforme determina a resolução de N° 466/12 do CNS.

- c) Os responsáveis aceitarem que a criança participe da pesquisa, assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Sete crianças autistas participavam semanalmente das atividades no Grupo de Estudos e Atendimento ao Espectro Autista GEAUT/UNICAP. Entretanto, apenas uma criança autista (Caio – 5 anos) foi selecionada, pois usa apenas gestos, incluindo o olhar, para se expressar e comunicar, já que o ato de verbalizar não é por ele desempenhado. Além delas, duas pesquisadora/professoras do PPGCL e uma bolsista da iniciação científica, Rebeca, Iara e Fabiana, respectivamente, também participaram das cenas de interação selecionadas para a constituição do *corpus*.

4.2. Procedimentos e critérios para transcrição e análise de dados

Para transcrição e análise das produções gestuais da criança autista em contextos interativos com diferentes interlocutores, seguirmos as etapas:

- 1º **etapa:** Seleção dos trechos para a transcrição. O critério adotado para essa seleção foi a presença de gestos que denotassem um sentido negativo nas interações.
- 2º **etapa:** Transcrição dos trechos selecionados com a utilização do *software* ELAN, que permite a transcrição dos gestos no tempo exato de sua ocorrência.
- 3º **etapa:** Identificação e análise de produções gestuais em contextos de negação. Desses dados, selecionamos os mais significativos para a proposta da análise, ou seja, produções gestuais com sentido de “não” em contextos interativos.

5. O “NÃO” GESTUAL NO AUTISMO: UMA PERSPECTIVA MULTIMODAL

Como dito anteriormente, partimos de uma abordagem multimodal da linguagem, na qual as produções gestuais desempenhadas pela criança participante ampliam-se a todas as partes do corpo, partindo da premissa de que, segundo McNeill (1992), a palavra “gesto” abrange uma multiplicidade de movimentos comunicativos, principalmente, mas nem sempre de mãos e braços.

Para fins de elucidação, os recortes à pesquisa são acompanhados do contexto no qual estão inseridos, e tanto a criança quanto quem interage receberam nomes fictícios para a preservação das suas identidades.

O recorte seguinte compreende um contexto onde Caio derruba os lápis de colorir no chão e, em seguida, é advertido pela sua parceira interativa Fabiana.

	Tempo Inicial	Tempo Final	Plano Gestual	Plano Verbal/ Prosódico	Plano do Olhar
Caio	00:22:05.221	00:23:02.122	Derruba vários lápis no chão	Não verbalizou	Desviado de Fabiana
Fabiana	00:23:02.122	00:24:03.461	Parada	<i>Issu tá certo, Caio?</i> <i>Vem pegar o lápis que você derrubou!</i> Intensidade Vocal Forte	Questionador e direto à criança
Caio	00:24:03.461	00:25:06.302	Começa a correr pela sala	Não verbalizou	Desviado de Fabiana

Quadro 1. Recursos multimodais utilizados pela criança e seu parceiro interativo.

Nessa primeira cena, a criança “Caio” exhibe o caráter multimodal da língua ao inserir no seu enunciado os elementos multimodais “gesto” e “olhar”. A advertência posta por Fabiana “*Issu tá certo, Caio? Vem pegar o lápis que você derrubou!*” desencadeia a negação e marca o lugar da criança na linguagem, já que o ato de “correr pela sala” e “desviar o olhar” são discursos significativos e estabelecem a comunicação.

Em vista disso, vê-se o quão múltiplas podem ser as construções linguísticas, bem como as possibilidades de se negar algo/alguém. Nesse sentido, os recursos multimodais “gesto” e “olhar” utilizados pela criança validam sobre o que afirma McNeill (1985; 2002) de que: a palavra gesto recobre uma multiplicidade de movimentos comunicativos, assim como o que defendem Quek *et al.* (2002), ao ampliar a noção de gesto e incluir movimento de mãos, expressão facial e troca de olhares.

Sobre o plano do olhar, “Caio” o realizou de maneira desviada. De acordo com Kendon (2009), esse “não contato visual” serve para o estabelecimento da interação colaborativa que só pode ser alcançada quando se percebem mutuamente as ações visíveis do outro. Portanto, movimentos faciais e direção do olhar caracterizam também a comunicação humana.

É importante salientar que, concebemos a presente ação - desviar o olhar, tirar a vista – como “emblema” a partir do *Continuum de Kendon* (1982), visto que, é um sinal convencionalizado para expressar um tipo de rejeição a algo/alguém. Isso corrobora a multiplicidade de movimentos comunicativos que os gestos podem apreender, o que significa que outras partes podem exteriorizar uma finalidade significativa, sendo nesse caso, a ação de desviar o olhar.

Interessante e válido aqui destacar é o gesto “correr pela sala” que “Caio” utilizou da mesma forma para estar na linguagem. O presente gesto compreende-se como uma estereotípia

da criança e discorda sobre a afirmação de Levin (1995) de que esses movimentos não se dirigem a ninguém e clausuram a relação da criança com o mundo exterior. Confirmam ainda os estudos de Bueno ao dizer que

toda conduta estereotipada se produz de maneira independente da consciência do indivíduo, ou seja, considera-se ato automático que não tem significado evidente para o observador, embora possa daí inferir-se que a conduta é um processo de isolamento.

(Bueno, 2003: 155)

Nesse sentido, percebemos como a negação é marcada pela multimodalidade e de como a criança “Caio” apresenta diferentes movimentos para se expressar, como, nesse caso, correr e desviar o olhar.

Na cena a seguir, a criança encontra-se num momento de brincadeira com seus pares (crianças autistas) e uma pesquisadora, porém a maior interação ocorre com esta. A brincadeira baseia-se no brinquedo “telefone”.

	Tempo Inicial	Tempo Final	Plano Vocal/ Prosódico	Plano Gestual	Plano do Olhar
Rebeca	00:26:24.441	00:26:28.035	<i>Quer esse?</i>	Oferece o brinquedo	Direcionado à criança
	00:26:28.035	00:27:01.134	<i>Quer esse telefone?</i>	Aponta o brinquedo e oferece novamente	Direto e questionador à criança
Caio	00:27:01.134	00:27:02.454	Não verbalizou	Movimenta a cabeça de um lado para o outro. Mencio da cabeça	Olha e desvia do brinquedo

Quadro 2. Recursos multimodais utilizados pela criança e seu parceiro interativo.

Na respectiva cena, tem-se novamente a presença dos elementos multimodais “gesto” e “olhar” como construções linguísticas com valor negativo. Ambas as construções atuam tanto como uma espécie de “janela” informativa acerca do pensamento de “Caio” quanto um

“catalisador” para a conversa, fornecendo sugestões para os seus pensamentos que não podem se expressar na fala (Goldin-Meadow 2009: 11).

A pergunta posta pela pesquisadora Rebeca “*Quer esse? Quer esse telefone?*” tem como respostas multimodais o “meneio da cabeça” e o “olhar desviado”, comprovando assim que as trocas interativas apresentam caráter multimodal, segundo defendem Kendon (1982, 2000), McNeill (1985, 1992, 2000), Butcher e Goldin-Meadow (2000), Cavalcante (2009) e Fonte *et al.* (2014).

Nesse contexto, o meneio da cabeça caracterizado pelo *Continuum de Kendon*, como um emblema funcionou como um enunciado negativo que pode surgir na presença ou na ausência da fala, pois são construídos socialmente e significados culturalmente (McNeill, 2000). Assentimos sobre o que dizem Barros e Fonte (2016) ao tratar o gesto de negação como emblema frequentemente presente nas relações entre sujeitos, e Spitz (1998) ao afirmar que:

O gesto de negação semântica de meneio de cabeça é o indicador visível do fato de que a abstração de uma recusa ou negação foi atingida pela criança. É a primeira abstração, e seu gesto simbólico representa o conceito abstrato da atitude: ‘Eu não quero isso’. Nessa medida, é o primeiro passo em direção à função simbólica mais ampla no campo verbal, que se inicia na segunda metade do segundo ano.

(Spitz, 1998: 97)

Como um discurso negativo da criança, tem-se também o “desvio do olhar”, uma vez que o ato de “tirar a vista” de algo/alguém exprime um não querer, uma rejeição e torna mais fácil para quem interage compreender seus desejos e intenções. Curioso destacar que essa ação não é incomum, ou seja, sujeitos não autistas também tendem a “tirar a vista” quando querem expressar uma rejeição ou um valor negativo em relação a algo/alguém, dessa maneira, vê-se o quão heterogêneas são as formas de expressarmos uma negação.

Trata-se, portanto, de uma cena que demonstra o quão atuante pode ser a “direção do olhar” durante a comunicação, tanto por sujeitos autistas como não autistas e que, mais uma vez, corrobora sobre o que diz em McNeill (1985, 2002) e Kendon (2009) no que concerne à multiplicidade de movimentos que a noção de gesto recobre.

O contexto de interação do terceiro recorte baseia-se no momento em que a criança começa a pular na cadeira e em seguida é repreendida pela pesquisadora Iara.

	Tempo Inicial	Tempo Final	Plano Gestual	Plano Verbal/ Prosódico	Plano do Olhar
Caio	00:02:35.129	00:03:36.243	Sobe na cadeira e começa pular	Não verbalizou	Direto a Iara

Iara	00:03:36.243	00:04:11.267	Caminha em direção à criança	<i>Issu não é pula-pula, Caio. Eu mandei parar!</i> Intensidade Vocal Forte	Enfático e direto à criança
Caio	00:04:11.267	00:05:01.113	Gira o corpo de um lado para o outro	Não verbalizou	Desvia o olhar de Iara

Quadro 3: Recursos multimodais utilizados pela criança e seu parceiro interativo.

Nesse recorte, as ações gestuais de “girar o corpo de um lado para o outro” e o “desvio do olhar” configuram-se como os recursos multimodais escolhidos pela criança para expressar sua resposta negativa em relação ao pedido da fonoaudióloga Iara “*Issu não é pula-pula, Caio. Eu mandei parar*”. Esses gestos além de funcionarem como um enunciado transmitindo informações e promovendo a comunicação, funcionam como uma possibilidade de linguagem.

Ao ampliar os movimentos para as outras partes do corpo, Caio justifica as concepções de Kendon (2009: 12) quando argumenta que “existem movimentos dos olhos, das pálpebras, das sobrancelhas, bem como da boca, e os padrões de ação por parte da cabeça que constituem um enunciado linguístico”; ademais, a estereotipia girar o corpo de um lado para o outro também significou um discurso negativo, corroborando com os estudos de Barros e Fonte (2016) de que as estereotipias motoras contêm conteúdo e marcam o lugar da criança na linguagem.

O desinteresse pode ser fortemente marcado pelo não contato visual. Quando desvia o olhar, Caio revela a sua parceira interativa Iara um comportamento de não atender ao pedido e continuar pulando como se nada tivesse dito. Observa-se, pois, que o gesto por si só sugere um discurso e mantém aberto o canal de interação entre a criança e o seu par.

Os recursos multimodais escolhidos pela criança são veículos de interação. Nesse sentido, tem-se uma cena que nos fazem refletir o próprio conceito de linguagem, em consequência de levar em consideração o gesto e o olhar. Essa noção corrobora mais uma vez que a linguagem é província de variados sistemas e formatos, e que não há um único modo de se pensar a linguagem e colocá-la em funcionamento.

Assim como nas cenas anteriores, entendemos o desvio do olhar como emblema por ser uma ação convencional e por significar culturalmente, apesar de Kendon não categorizar tal ação como parte desse continuum.

Nas cenas, constata-se o caráter multimodal da linguagem a partir das produções gestuais empregadas por Caio nas interações. O uso dos recursos gestuais e os movimentos com olhar foram os principais meios utilizados pela criança para expressar a sua negação, embora a criança não produza enunciados verbais, percebemos através dos gestos um alcance comunicativo, uma vez que houve interação com seus pares e entendimento sobre a intenção do outro.

Ao realizar as ações de desviar o olhar, balançar a cabeça de um lado para o outro (meneio da cabeça), bem como e as estereotipias motoras de girar o corpo de lado para o outro, Caio sinalizou um contexto interativo de negação e foi compreendido pelas parceiras interativas

Fabiana, Rebeca e Iara. Observa-se, portanto, que a ausência da fala não interrompeu a comunicação e menos ainda o entendimento sobre a atitude da criança.

6. CONCLUSÃO

Ao concebermos a matriz gesto-fala como noção basilar neste artigo, buscamos mostrar como a instância multimodal funciona numa criança autista em processo de aquisição de linguagem.

É pertinente destacar que os nossos dados admitiram os gestos como recursos multimodais, e com relação aos objetivos, a criança “Caio” utilizou-se dos planos: gestual e olhar, bem como as estereotípias “correr pela sala” e “girar o corpo de um lado para o outro”, para a construção de enunciados negativos.

Desse modo, consideramos que o “não” manifesta-se de inúmeras maneiras e na criança autista pode ser representado por emblemas, desvio do olhar, estereotípias e entre outros recursos multimodais.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Ávila-Nobrega, P. V. A. e M. C. B. Cavalcante. 2012. Aquisição de linguagem em contextos de atenção conjunta: o envelope multimodal em foco, em *Revista Signótica*, v. 24 (2): 469-491.
- Barros, Isabela Barbosa do Rêgo e Renata Fonseca Lima da Fonte, 2016. Estereotípias motoras e linguagem: aspectos multimodais da negação no autismo, em *Revista brasileira de linguística aplicada* [online] vol.16, n. 4: 745-763.
- Bueno, J. S. 2003. Cegueira e estereotípias, em M. B. Martín e S. T. Bueno, *Deficiência visual: aspectos psicoevolutivos e educativos*, São Paulo, Santos: 153-160. Trad. Magali de Lourdes Pedro.
- Butcher, C. S. and Goldin-Meadow, 2000. *Gesture and the transition from one-to two-word speech: when hand and mouth come together*, in D. McNeill (ed.) *Language and Gesture*, Cambridge, Cambridge University Press: 235-257.
- Cassell, J. et al. 1999. Embodiment in Conversational Interfaces: Rea, in *Proceedings of ACM SIGCHI Conference on Human Factors in Computing Systems*, Pittsburgh, PA: 520–527.
- Cavalcante, M. C. B. 2009. Rotinas interativas mãe-bebê: constituindo gêneros do discurso, em *Investigações [Recife]*, v. 21: 153-170.
- Cavalcante, M. C. B. e L. W. P. Brandão. 2012. Gesticulação e Fluência: Contribuições para a Aquisição de Linguagem, em *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 54.1.
- Cavalcante, M. C. B. et al. 2016. Sincronia gesto-fala na emergência da fluência infantil, em *Estudos Linguísticos*, v. 45: 411-426.
- Cosnier, J. 1977. Communication non verbal et langage, in *Psychologie Médicale*, v.9, n.1: 2033-2049.
- Cosnier, J. 1996. Les gestes du dialogue, la communication non verbal, in *Rev. Psychologie de la motivation*, 21: 129-138.
- Cosnier, J. 2004. Le corps et l’interaction (empathie et analyseur corporel), en *Société Française de Psychologie*, Paris, 8-9 Octobre: 1-4.
- Fonte, R. 2011. *O funcionamento da atenção conjunta na interação mãe-criança cega*, João Pessoa, Universidade Federal da Paraíba. Tese Doutorado em Linguística, 315f. Inédita.
- Fonte, R. et al. 2014. A matriz gesto-fala na aquisição da linguagem: algumas reflexões, in I. Barros et al. *Aquisição, desvios e práticas de linguagem*. Curitiba, Editora CRV: 11-26.
- Fonte, R. e M. C. B. Cavalcante, 2016. Abordagem multimodal da linguagem: contribuições à clínica

- fonoaudiológica, em C. Montenegro, I. Barros e N. Azevedo. (Orgs.). *Fonoaudiologia e Linguística: teoria e prática*, Curitiba, Apriss: 205-225.
- Goldin-Meadow, S. 2009. How Gesture Promotes Learning Throughout Childhood, in *Childhood Development Perspectives*, vol. 3, n 2: 106-111.
- Iverson, J. & S. Goldin-Meadow. 1998. Why People Gesture As They Speak, in *Nature*, 396: 228.
- Kanner, L. 1966. *Psiquiatria infantil*, Buenos Aires, Paidós e Psique.
- Kelly, S. D. et al. 1999. Offering a hand to pragmatic understanding: The role of speech and gesture in comprehension and memory, in *Journal of Memory and Language*, 40: 577-592.
- Kendon, A. 1982. The study of gesture: some remarks on its history, in *Recherches sémiotiques/semiotic inquiry* 2: 45-62.
- Kendon, A. 2000. Language and Gesture: Unity or Duality, in D. McNeill. (ed.). *Language and Gesture*, Cambridge, Cambridge University Press: 47-63.
- Kendon, A. 2004. *Gesture: Visible Action as Utterance*, Cambridge, Cambridge University Press.
- Kendon, A. 2009. Language's Matrix, in *Gesture*, v. 9, n. 3: 352-372.
- Levin, E. 1995. *A Clínica psicomotora: o corpo na linguagem*, Petrópolis, Vozes. Trad. Julieta Jerusalinsky.
- Mayberry, R. I. & J. Jaques. 2000. Gesture production during stuttered speech: insights into the nature of gesture-speech integrativo, in D. McNeill (ed.), *Language and Gesture*, Cambridge, Cambridge University Press: 199-214.
- McNeill, D. 1985. So you think gestures are non-verbal?, in *Psychological Review*, v. 92, n.3: 350-371.
- McNeill, D. 1992. *Hand and Mind: What Gestures Reveal About Thought*. Chicago, IL, University of Chicago Press.
- McNeill, D. 2002. Gesture and Language Dialectic, in *Acta Linguistica Hafnensia*, <<http://mcneilllab.uchicago.edu/pdfs/GESTURE-LANGUAGE.clear.pdf>>
- McNeill, D. (ed.). 2000. *Language and Gesture*, Cambridge, Cambridge University Press.
- Perissinoto, J. 2003. Linguagem da criança com autismo, em J. Perissinoto (Org.), *Conhecimentos essenciais para atender bem a criança com autismo*, São Paulo, Pulso: 15-44.
- Quek, F. et al. 2002. Multimodal human discourse: gesture and speech, in *ACM transactions on computer-human interactions*, v.9, n.3: 171-193.
- Spitz, R. A. 1998. *O não e o sim: a gênese da comunicação humana*, 3ª ed., São Paulo, Martins Fontes. Trad. Urias Corrêa Arantes.